

MINHA TECITURA: UM ENCONTRO EM PERFORMANCE DE CINCO GERAÇÕES DE MULHERES DE UMA MESMA FAMÍLIA

Marcella Nunes Rodrigues (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)¹
Gisela Reis Biancalana (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)²
Bruna Leticia Potrich (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)³

RESUMO

Este trabalho insere-se no contexto de estudos da-sobre a mulher. Esta escrita é parte de uma pesquisa de doutoramento, que tem como objetivo refletir, discutir e performar acerca da relação em rede de suporte entre mulheres que se torna um trampolim para criação em Performance Arte. O recorte deste texto trata dos protagonismos presentes entre cinco gerações de mulheres de uma mesma família entrelaçando suas vivências com as quatro ondas do movimento feminista no Brasil. O intento busca atrelar as características principais do movimento nos séculos XX e XXI às características de uma pesquisa em arte contemporânea centralizada nas figuras femininas supracitadas. O estudo debruça-se sobre a autobiografia como procedimento metodológico afim de conectar-se com as memórias e vivências das mulheres expostas na pesquisa. No que se refere ao contexto sociocultural são referendados autores como DAFLON (2019) e LOURO (1997). A abordagem feminista recai em autoras como PEDRO (2004) e FERREIRA (2015). Para tanto, a reflexão escrita aborda a análise de uma Vídeo-Performance intitulada *Minha Tecitura* para relacioná-la com a revisão bibliográfica acerca do feminismo e suas respectivas quatro ondas. A pesquisa está em andamento e, até o momento, considera-se que a arte entrelaçada a saberes-fazer de campos diversos contribui tanto para a expansão da arte contemporânea quanto para marcar os campos de resistência pela via da elaboração poética.

PALAVRAS-CHAVE

Vídeo-performance; Performance arte; mulher; feminismo.

¹ Marcella Nunes Rodrigues, Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM). Graduada em Dança Bacharelado (UFSM). Participante do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Desenvolve pesquisas relacionadas à Dança e a Performance Arte, atreladas ao feminino. Email: marcellanunesrodrigues@gmail.com

² Gisela Reis Biancalana, Professora do Centro de Artes e Letras e membro permanente do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGART), ambos na UFSM. Mestre e Doutora em Artes pela UNICAMP. É líder do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Entre os anos de 2014-2015 realizou pós-doutoramento na De Montfort University, Leicester, UK. Email: giselabiancalana@gmail.com

³ Bruna Leticia Potrich, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM). Bolsista CAPES. Graduada em Dança Licenciatura (UFSM). Integrante do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Email: brunaleticiapotrich@gmail.com

ABSTRACT

This work is inserted in the context of studies about women. This writing is part of a PhD research, which aims to reflect, discuss and perform about the support network relationship between women that becomes a springboard for creation in Performance Art. The clipping of this text deals with the protagonisms present between five generations of women from the same family, intertwining their experiences with the four waves of the feminist movement in Brazil. The intention seeks to link the main characteristics of the movement in the 20th and 21st centuries to the characteristics of a research in contemporary art centered on the female figures mentioned above. The study focuses on autobiography as a methodological procedure in order to connect with the memories and experiences of women exposed in the research. With regard to the sociocultural context, authors such as DAFLON (2019) and LOURO (1997) are endorsed. The feminist approach falls on authors such as PEDRO (2004) and FERREIRA (2015). Therefore, the written reflection addresses the analysis of a Video-Performance entitled *Minha Tecitura* to relate it to the literature review on feminism and its respective four waves. The research is ongoing and, so far, it is considered that art intertwined with know-how from different fields contributes both to the expansion of contemporary art and to marking the fields of resistance through poetic elaboration.

KEYWORDS

Video-performance; Performance Art; woman; feminism.

A escrita reflexiva tem como objetivo refletir, discutir e performar acerca da relação de uma rede de suporte entre mulheres. Como parte de uma pesquisa de doutoramento, o recorte escolhido para o texto trata dos protagonismos presentes entre cinco gerações de mulheres de uma mesma família. Para tanto, as vivências dessas mulheres são entrelaçadas com as quatro ondas do movimento feminista no Brasil. Desse modo, primeiramente partimos da análise da Vídeo-Performance *Minha Tecitura*, criada a partir das relações supracitadas, relacionando-a com a revisão bibliográfica acerca do feminismo e suas respectivas quatro ondas, colaborando então, com a relação estabelecida na presente proposta. Também, nos debruçamos na autobiografia, afim de conectar a proponente da Vídeo-Performance com as memórias e vivências das mulheres expostas na pesquisa.

O tema proposto pretende atrelar as características principais dos movimentos dos séculos XX e XXI às características de uma pesquisa em arte contemporânea centralizada nas figuras femininas já citadas. Por tratar-se de uma proposta sob olhares de pesquisadoras mulheres, olhares estes, que se concentram nas relações de afetividade familiares, entre mulheres, a Vídeo-Performance carrega em si os traços da diversidade

entre elas, as mãos que denunciam a diferença de idade, o gosto pela ação, os sons destoantes que se conectam, o encontro entre gerações e a distância que as tornam tão presentes, assim como pela afetividade existente na construção da poética. A Performance em si tem essa característica, pois busca romper com valores estéticos pré-estabelecidos, procurando expandir as possibilidades criativas através do “uso de uma vasta gama de materiais e técnicas até então não associadas com o fazer artístico” (ARCHER, 2001, p.8), como a própria relação familiar.

Assim, pensar na Performance como uma possibilidade de encontro entre essa diversidade de mulheres, as quais também se insere uma das autoras, tanto como pesquisadora e artista, mas acima disso como neta, filha e mãe, é um desafio para a criação. Trata-se de uma pesquisa teórico-prática desenvolvida a partir das sensações, das emoções, do admirar, do repulsar, do querer perto, do estar longe, das repetições que ocorrem nos modos de viver, das negações existentes ao olhar para essas repetições, tudo isso atrelado ao momento que estamos vivendo entre os anos de 2020 e 2021, o isolamento social decorrente da Pandemia Covid-19.

Vídeo-Performance: “Minha Tecitura”

A Performance Arte é uma manifestação artística que possibilita um dissolver de fronteiras atuando no campo expandido da arte contemporânea. Acreditamos que por isso, o trabalho poético *Minha Tecitura* encontrou-se acolhido na Vídeo-Performance. Da mesma forma como cada mulher das últimas cinco gerações dessa família tem suas peculiaridades nos seus modos de relações, no seu modo de fazer, no seu modo de ser, a arte também tem ganhado outras espacialidades, dinâmicas, modos de se relacionar entre si e com o público. Nesse contexto amplificado, esta manifestação artística surge como um gatilho de possibilidades para criação.

O processo criativo da Vídeo-Performance iniciou-se a partir da reflexão sobre a própria rede de suporte de uma das autoras. A própria pesquisa de doutorado da performer e autora principal, no geral, trata sobre essa rede de suporte supracitada entre mulheres como um todo, mulheres familiares e mulheres amigas, ou seja, pessoas que fortalecem uma mulher como um ser integral. Seja como mulher, como mãe, como profissional, como amiga, vinculadas à saúde física ou emocional, às questões de valor que importam ou outras como um lazer em algum feriado, o que também significativo para cada um. Chegamos neste momento da pesquisa, pensando que a primeira rede a

mulher foram e são as mulheres da própria família na maioria das situações. Então, nesta Vídeo-Performance trazemos como protagonistas do trabalho, a tia avó, a avó, a mãe, uma das autoras e sua filha, as cinco últimas gerações de mulheres da família na Vídeo-Performance.

Pensar na tecitura de uma rede, nos remete a construção, ao ponto a ponto. Nada que se constrói em uma relação parte do zero, alguém deu o primeiro ponto, que gerou outros pontos, criando-se assim uma rede e a tornando mais forte, mais sustentável, mas não enrijecida. A rede pode ser móvel, alternando o protagonismo dos pontos, das peças, das pessoas. Todos os pontos são fundamentais para o suporte final da rede. No que diz respeito a figura das mulheres da rede, deixamos que a performer deste texto relate, neste momento da escrita, que partiu da sua própria experiência de vida e, portanto, passa fluidamente para primeira pessoa do singular.

Penso primeiramente na minha avó, que por diversas vezes apostou em me ensinar sobre ponto cruz, croché e tricô. Aprendi alguma coisa sim, mas sinceramente não desenvolvi interesse nas atividades. Minha tia-avó já havia ensinado minha avó, que tentou ensinar a minha mãe que, agora, aos cinquenta anos começou a arriscar alguns cachecóis. A vó também aposta na minha filha, sua bisneta, que já tem duas pequenas máquinas de costura, alguns retalhos e já experimentou fazer roupas para bonecas. Por enquanto, as máquinas voltaram para suas caixas. Essa é uma das características da rede, a construção, o compartilhar de conhecimento, o legado. O que minha tia-avó de 90 anos ensinou para a minha filha de 12 anos através de mim? Em uma rede o primeiro ponto não necessariamente precisa encontrar o último para fazerem parte do mesmo processo.

Consoante com essas vivências, é possível afirmar que “distender sobre a Performance nas artes visuais implica apresentá-la como uma categoria sempre aberta e sem limites” (MELIM, 2008, p. 9). Pensar na minha rede como uma proposta para a criação da Vídeo-Performance me remete a este movimento.

A construção da Vídeo-Performance *Minha Tecitura* se deu no período de isolamento social, como já supracitado. Minha tia-avó e avó moram em Porto Alegre, no norte do Estado do Rio Grande do Sul. Minha mãe mora em Marau, também no norte do estado. Eu e minha filha, moramos em Santa Maria, no centro do RS. Havíamos nos encontrado, pela última vez, em fevereiro de 2020, no dia do meu casamento. Logo após, chegaram as notícias que enfrentávamos uma pandemia pelo mundo todo. Por isso, ficamos em média de 10 meses sem nos vermos. Falávamos com

frequência ao telefone. Quando nos encontramos no Ano Novo, conversamos sobre nossas atividades durante o isolamento social, sobre quais ações passamos a repetir cotidianamente. Minha tia-avó relatou sobre como passou a ter mais cuidado com a higienização, virou quase uma compulsão por álcool em gel. Minha avó com seus 80 anos, resolveu exercitar o cérebro e não o deixa-lo envelhecer através dos jogos de palavras-cruzadas. Ela deve ter feito mais de mil jogos neste período, minha mãe enviava livros pelo correio. A mãe, professora da rede pública de ensino, teve que se adaptar aos meios de tecnologia e preparar suas aulas para crianças especiais pelas telas. Segundo ela, essa experiência não foi boa, ela prefere a sala de aula presencial. Eu, recém casada, dividindo apartamento com marido e filha, professora de Ballet e doutoranda, aprendi a dividir minha rotina e a internet da casa com muitas outras atividades que aconteciam quase que concomitantemente. Minha filha tem aulas *on-line* das sete e quarenta da manhã ao meio dia. Vale ressaltar que não a deixávamos passar mais que duas horas frente as telas antes da pandemia.

Todas nós, nas nossas realidades precisamos nos adaptar. Todas nós repetimos movimentações diariamente. Todas nós embora distantes, estávamos ligadas pela rede que tecemos juntas. As bagagens de uma, aparecem nas escolhas da outra. As experiências de uma, livram a outra de momentos não desejados. Assim, criei a Vídeo-Performance.

Pedi que cada uma das mulheres da minha família, escolhesse uma movimentação que lhe representasse neste período de isolamento. Eu enquanto criadora, não havia pensado em objetos no vídeo, somente a ação. Por outro lado, elas estavam tão empolgadas, tão felizes em participar desta parte profissional da minha vida, que deixei elas fazerem do jeito que pensaram. Minha tia-avó trouxe o requisitado álcool em gel para o vídeo. Minha avó trouxe um livro de caça-palavras, minha mãe o teclado do computador e minha filha os esmaltes. Sim! Ela fazia as unhas todos os dias. Ah! Eu trouxe somente a ação. Aprendi isso com minha orientadora (que também é parte da minha rede, isso fica para outro texto) e não quis me desfazer. Filmamos as ações com seus sons naturais e com o auxílio de um editor de vídeo, coleí as gravações, tornando-as coletivas depois de serem individuais.



Autoria: Print da Vídeo-Performance. Vídeo-Performance *Minha Tecitura*.

As ações se diferenciavam no vídeo, as peles das mãos também, tanto quanto textura, quanto como cor. Assim somos nós cinco, uma rede de mulheres de gerações diferentes, com histórias diversas, mas que se atravessam, contribuindo uma na construção da outra, de ponto a ponto, tecendo juntas uma rede de suporte e cuidado.

A Arte da Performance e o feminismo

Vale ressaltar que os momentos históricos que consolidaram e assim nomearam a Performance Arte, também vieram acompanhados de movimentos socioculturais questionadores de normas pré-estabelecidas, como de sexualidade, gênero, religião e o próprio olhar para as questões femininas como algo merecedor de discussão em arte. Assim, a Performance tem sido uma manifestação artística selecionada enquanto meio de reivindicação e questionamento por seu comprometimento sociocultural. É válido complementar que a Arte da Performance “não busca a representação. Ela é a vida nua, crua, o duro, [...]. A Performance, a arte em geral, busca retirar o véu (desvelar) do cotidiano preche de linguagem, código, informação” (MEDEIROS, p. 51, 2014).

Um dos movimentos em que a Performance protagoniza como importante manifestação artística é o movimento feminista. O vocábulo *feminismo* refere-se a um

movimento abrangente, complexo e contínuo de luta das mulheres na busca por direitos, tanto nas esferas públicas como privadas. Neste contexto, autoras como DAFLON (2019) utilizam o termo *feminismos*, no plural, abordagem que não está relacionada apenas às diferenças entre eles (feminismo negro e feminismo indígena, por exemplo), mas à valorização de aspectos particulares como engrandecedores para o movimento.

A primeira onda do movimento feminista consolidou-se no século XIX em países europeus e esteve “centrada na reivindicação dos direitos políticos- como o de votar e ser eleita-, nos direitos sociais e econômicos, como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança” (PEDRO, 2005, p. 79). No Brasil, ela ganhou mais espaço nas primeiras décadas do século XX, pela circulação de jornais que pretendiam criar uma opinião pública favorável ao voto feminino e à emancipação das mulheres.

A segunda onda do movimento feminista fortaleceu-se também nos Estados Unidos na década de 1960. Suas questões, para além da primeira onda, incluíam reivindicações de raça, classe, corpo e sexualidade, fato esse que possibilitou que também fosse “engendrado e problematizado o conceito de gênero” (LOURO, 2003, p. 15). No Brasil, o feminismo de segunda onda veio acompanhado do período de ditadura militar a partir de 1964, motivo responsável por ferir a liberdade de expressão sugerida pelo movimento.

Por volta das décadas de 1980 e 1990, emerge o denominado feminismo de terceira onda, com a busca pelo fortalecimento das reivindicações da segunda onda, ademais, enfatizando a importância do feminismo acadêmico e do posicionamento feminino em relação à misoginia. No Brasil, a terceira onda representou o fortalecimento dos debates centrados nas questões de gênero, corpo, prazer, afetos e institucionalização das reivindicações das mulheres no Estado.

A chamada quarta onda do movimento feminista surgiu na década de 1990, emergindo aos poucos, grupos feministas organizados através de um fenômeno de ativismo digital, sendo que “as primeiras atuações valeram-se muito de ações de repetição como estratégias recursivas que pretendiam esgotar identidades simbólicas” (FERREIRA, 2015, p. 5). Assim, afirma-se que a internet se tornou uma ferramenta de questionamento de condutas normativas socioculturais, “exalando o poderio feminino em provocar uma nova desordem mundial” (ROCHA, 2013, p. 62). No Brasil, através das redes sociais, surgem reivindicações diversificadas dentro dos chamados vários *feminismos*. Ativa-se assim, cada vez mais, “a importância do corpo e da Performance como repertórios de protesto” (DAFLON, 2019, p. 317).

O movimento abrangeu, sobretudo, as poucas famílias detentoras de poder e com melhor acesso à educação. Assim, “praticamente sem exceção, é dentro desses núcleos familiares diferenciados que surgiam as principais vozes femininas contrárias à opressão da mulher” (PINTO, 2003, p. 17). O feminismo nasce dentro da própria família em primeiro lugar.

No contexto da arte contemporânea, destaca-se então a ocorrência de Performances autobiográficas que tratam de memórias e histórias pessoais. Nesse sentido, é válido realçar que a “Performance transmite memórias, faz reivindicações políticas e manifesta o senso de identidade de um grupo” (TAYLOR, 2013, p. 19). Desse modo, torna-se mais evidente como *Minha Tecitura* dialoga com as ondas do movimento feminista, ao refletir acerca da relação de rede de suporte entre as mulheres presentes na Performance, como promovedoras uma da outra, principalmente em relação à última geração. As mais velhas não só instruem e impulsionam as mais novas, como preparam o caminho para as próximas mulheres das futuras gerações da família trilharem. O que não significa que as lutas das mulheres um dia possa acabar. Quem sabe.

A Vídeo-Performance *Minha Tecitura* é parte de uma pesquisa de doutorado, mas carrega integralmente a história de algumas mulheres. Estas mulheres, que estão presentes no vídeo são a primeira parte de uma rede, como suporte de afeto, escuta, reconhecimento, direcionamento, fortalecimento e sobretudo, amor. Assim como, para que a quarta onda feminista pudesse acontecer de forma mais ampla e abrangesse mais mulheres e mais espaços, a primeira onde precisou dar o primeiro passo. Também, para que uma menina de treze anos hoje possa ter acesso a estudo de qualidade e aos sonhos de ser o que quiser, uma tia-avó precisou ser a primeira mulher a decidir trabalhar fora, mesmo contragosto do seu marido. Um ponto da rede é crucial para manter o outro ponto firme, assim acontece uma tecitura, de ponto a ponto.

REFERÊNCIAS CITADAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea- uma história concisa**. São Paulo, Editora Martins Fontes. Tradução Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira, 2001.

DAFLON, Verônica Toste. **Dilemas e perspectivas dos feminismos no Brasil contemporâneo**. Revista Sociologia e Antropologia, v. 9, jan-abr, 2019, p. 315-325.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos Web:** linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Dossiê: percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. Cadenos Pagu (44), jan-jun, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petropolis RJ: Vozes, 1997.

MEDEIROS, Maria Beatriz. **Performance artística e tempo.** In: Tempo e Performance. Brasília: Editora da Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2007.

MELIM, Regina. **Performance nas Artes Visuais.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

PEDRO, Joana. O feminismo de segunda onda: corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. **Nova história das mulheres.** 1º Edição: Editora Contexto, 2004, p. 239-257.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo, Editora Perseu Abramo, 1º Edição, 2003.

ROCHA, Fernanda Mota. **A quarta onda do movimento feminista:** o fenômeno do ativismo digital. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte, Editora UFMG. Tradução Eliana Lourenço de Lima Reis, 2013.